

A FAO, órgão das Nações Unidas que cuida de agricultura e alimentação, acaba de publicar um estudo mostrando que os preços mundiais das principais matérias primas agrícolas - cereais, açúcar e oleaginosas - tiveram alta significativa nos últimos meses, registrando valores próximos aos de 2007/2008, antes da crise financeira que varreu o planeta. Segundo o estudo, o índice de preços foi o maior dos últimos 28 meses. A FAO está preocupada com o reflexo deste aumento de preços sobre a população mais pobre, porque pode crescer exponencialmente o número de famintos no mundo, hoje próximo de 1 bilhão de pessoas.

Já tratei neste espaço das causas deste aumento forte: quebra de produção por causa de seca (caso do trigo na Europa Central e na Austrália) aumento da demanda em função do crescimento da população e de sua renda nos países emergentes, e especulação financeira.

As duas primeiras fazem parte de ciclos normais da agricultura em qualquer lugar: preços sobem, todo mundo planta mais, custos de produção aumentam porque todos querem mais insumos, estoques explodem acima da demanda, preços caem, produção diminui e custos também, até que estoques ficam precários e preços voltam a subir. Puro mercado, e é por causa destes ciclos inevitáveis que existem políticas protecionistas nos países ricos. É o princípio clássico da segurança alimentar.

Mas o terceiro fator, a especulação, é difícil de conter com políticas públicas que não desequilibrem o mercado.

A liquidez geral existente no mundo no pós crise financeira acaba produzindo uma migração alucinada de recursos, muitas vezes especulativos, em busca de remuneração melhor ao capital. Por isso, dado o fato de vivermos um circunstancial desequilíbrio entre oferta e demanda de alimentos - que talvez persista por mais alguns meses em 2011 - o dinheiro, sem ideologia ou nacionalidade, desembarca nas commodities agrícolas, elevando seu preço ainda mais do que o próprio balanço estoque/consumo permitiria.

Mas os preços também sobem por causa da questão cambial, mais especificamente em função do valor do dólar: como esta moeda vem perdendo valor face a outras moedas, o investidor se protege investindo em commodities, todas elas, inclusive as agrícolas. Ou seja, quanto mais barato for o dólar, mais caras serão as commodities.

E aí vem o tema da entrada de dólares no Brasil. Há 3 mecanismos para a moeda vir: investimentos produtivos; aplicações em Bolsa (BM&F/BOVESPA); e aplicações lastreadas em renda fixa no mercado financeiro nacional. Como os juros vigentes no país são muito mais altos do que os praticados nos países ricos onde estão próximos de zero, o capital especulativo vem em fatura. E isso também ajuda a valorizar o real frente ao dólar, o que é ruim para os produtores/exportadores brasileiros, seja na indústria seja no campo.

Taxa de câmbio, como ensina o professor Marcio Holland, da FGV, é uma variável esquizofrênica: no curto prazo até dá para regular um pouco, mas no longo prazo não tem jeito. E este longo prazo, o chamado mercado futuro, no

caso do dólar, é 5 vezes maior que o de curto prazo, de acordo com Roberto Gianetti, da FIESP. No curto prazo, já que o país escolheu o câmbio flutuante, o BC, com o objetivo de evitar excessivas apreciações, faz intervenções (comprando dólar), além da tributação sobre o capital especulativo, em conjunto com metas fiscais e de inflação, as coisas vão se acomodando.

Mas, no longo prazo, a questão central é o equilíbrio fiscal. E não se trata só de o governo gastar menos, e sim de gastar melhor os impostos que lhe pagamos: investimentos em infraestrutura, em educação e saúde, redução da burocracia, incentivos à inovação, por exemplo. Isso acaba evoluindo para menor tributação e até redução de juros. O especulador perde o apetite, entra menos dólar, desvaloriza-se o real frente à moeda americana e todos ganham. Mesmo com câmbio flutuante, os riscos de mercado caem e todo mundo fica feliz, produzindo mais e mais barato.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**